



MANDA QUEM PÔDE



O MALHO:—Mas isso é grôvo? E revolução? que é que vocês quorem, afinal de contas, ó pequenas esperanças da Patria?
 —Queremos um jornal exclusivamente para nos. Você, seu «Malho», é muito bom feito, é muito divertido, mas... não nos basta!



O MALHO:—Eu acho que vocês todos tem razão. Na verdade chega a ser uma injustiça que no Brasil todas as classes tenham o seu jornal e só vocês o não tenham. Pois bem! Futuros salvadores da Patria e mães de familia futuras, d'aqui em diante ás quartas-feiras, exigi de vossos paes o «Tico-tico»:
 —Bravos! Viva «O Malho» e viva o «Tico-tico»! Viva! Viv6666!...



CARLITO e ZIZI:—Papae! Papae! que é o que o sr. traz ali?
 A MULHER e A SOGRA:—Satisfiez o desejo das crianças, naturalmente...
 O PAE:—Penso que sim; ora tomem lá, sous maganões... São gostosissimos estes biscoitos!



CARLITO e ZIZI, «furiosos, atirando os ombrelhos e esborrachando-os no chão»:
 —Nao era isto o que estavamos esperando! Era o «Tico-tico»! Então papae não se lembrou de que hoje era quarta-feira!
 A MULHER:—Tambem você não trazer uma coisa que as crianças estavam esperando lá tanto! A SOGRA:—Realmente, sr. meu genro!

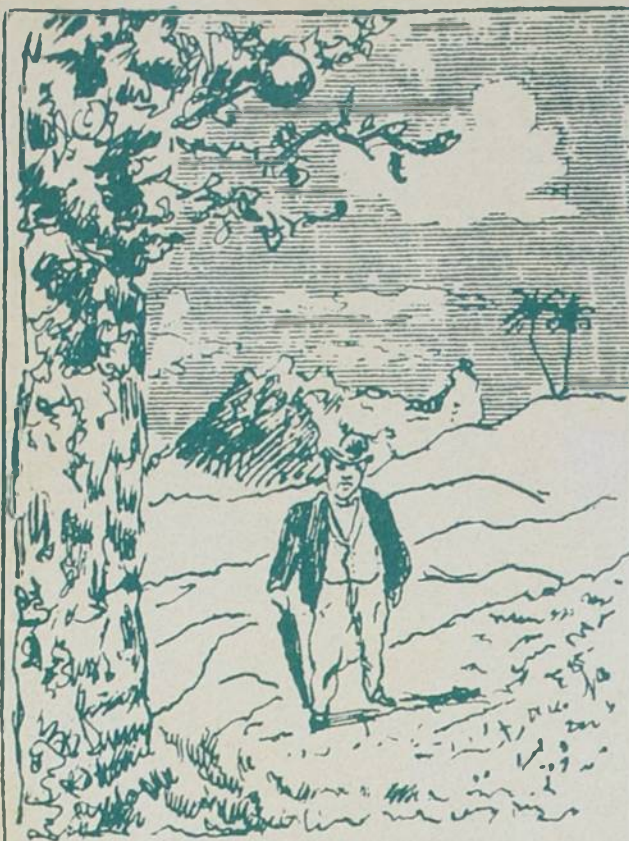


—E o homem que não tivô remedio senão vir mesmo comprar esto tal «Tico-tico»! Para que é que «O Malho» foi inventar mais esto? Só se vêem poquenos por todos os cantos a lerem o «Tico-tico»... Vá, passe-me 3 numeros, a sogra tambem ha de querer, que os velhos viram crianças...



—Mas então os senhores estão nas suas sete quintas! E até a sogra! Eu não dizin! Sabos que mais, minha cara mulher? Nós dois não podemos ficar roubados! Vou comprar mais dois «Tico-ticos», um p'ra mim, outro p'ra você. Vira tudo criança, daqui em diante! Vira tudo criança!

POR CAUSA DE UMA LARANJA



Adoráveis estes passeios campestres!



E que laranja, que bellíssima laranja!



O diabo é o muro... mas qual! Não me escapa! Que laranção!



Vem ou não vem?



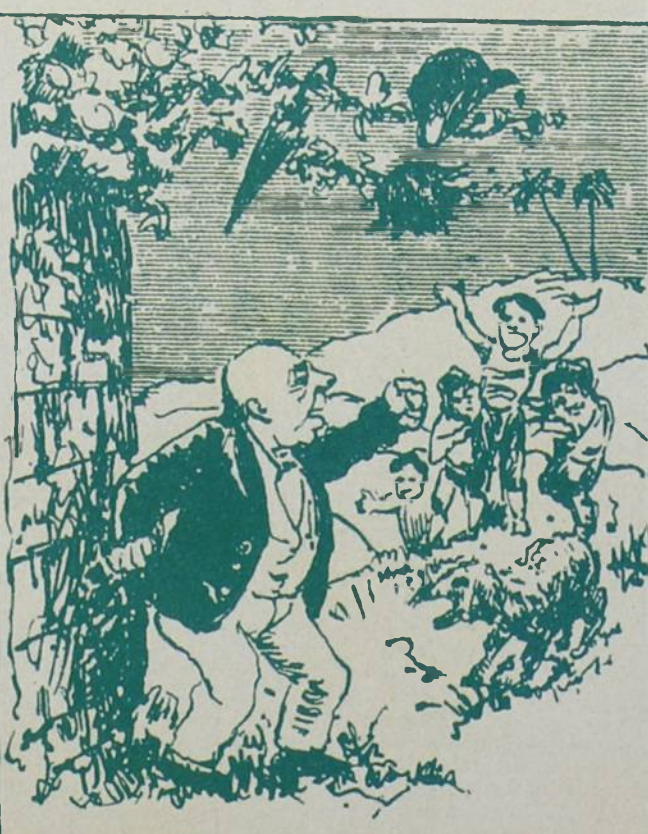
Veio mesmo, mas com seiscentos milhões! Ficou-me o chapéu!



Potem tudo se arranja. Para que serve o guarda-chuva com este çabinho?



Bonito! Fique com a ponta do cabo na mão e agora também sem a cabelleira!



—Largue as laranjas!
—Au, au, au, au, au, au!



—Deixa-me ver se ao menos salvo as canellas e o lombo! Quanto a laranjas, sem licença do dono, nunca mais!...
—Au, au, au, au, au, au!

EXPEDIENTE

A empresa d'O MALHO publicará ás quartas-feiras O Tico-Tico, jornal illustrado para crianças, collaborando nelle escriptores e desenhistas de nomeada.

Condições de assignatura :

INTERIOR : 1 anno..... 10\$000 6 mezes... 6\$000
 EXTERIOR : 1 anno..... 20\$000 6 mezes... 12\$000

Numero avulso 200 réis. Numero atrazado 500 réis.

Toda a correspondencia, pedidos de assignatura, etc., devem ser dirigidos ao escriptorio e redacção d'O Malho, rua do Ouvidor n. 132, Rio de Janeiro.

TICO-TICO

Todos amam as crianças; não ha poeta que não celebre a sua innocencia e a sua belleza ... Entretanto, caso singular! nada se faz em favor dellas, para divertil-as, para distrahir e encantar a sua existencia. Não organizamos festas alegres, em que ellas possam folgar e rir em liberdade, e não lhes damos uma litteratura especial, simples, e de alcance da sua intelligencia. Ao contrario disso, as festas em que as crianças figuram são destinadas a divertir... os marmanjos; marchando ao sol em batalhões, obrigadas a uma disciplina e a uma tenue que as fatiga e aborrece, ou representando comedias odizendo monologos que não comprehendem, ellas vão a essas festas como a um sacrificio e a um castigo.

Este jornalzinho (para empregar uma chapa inevitavel) vem preencher una lacuna. E' um jornal que se destina exclusivamente ao uso, á leitura, ao prazer, á distração das crianças. Não queremos a attenção nem o applauso da gente grande: os pequeninos, os innocentes, os simples formarão o nosso publico. E para ellas que escrevemos, — e si conseguirmos agradar-lhes, teremos obtido o unico triumpho que ambicionamos.

Contos, poesias, problemas, concursos, contribuirão, nas paginas do Tico-Tico, para, ao mesmo tempo, instruir e deliciar as crianças; e, de hoje em diante, ellas poderão dizer, com orgulho: «Os marmanjos têm os seus jornaes? pois nós também temos o nosso jornal, que é feito para nós, exclusivamente para nós!»

E não somente os pequeninos nos hão de agradecer! Todas as mãis, todos os que verdadeiramente amam as crianças hão de comprehender que a nossa tentativa é digna de apoio.

A LIÇÃO DE VÔVÔ

— Vovô! Desde que você chegou que me prometeu pintar um quadro deante de mim. Quero ver como é que você desenha.

— Bem; é hoje mesmo. Preste attenção e fique muitoquieto. Vou pintar seu pai, você e a Laurita, na estação, esperando o trem.

— Aqui está a estação. Está boa?

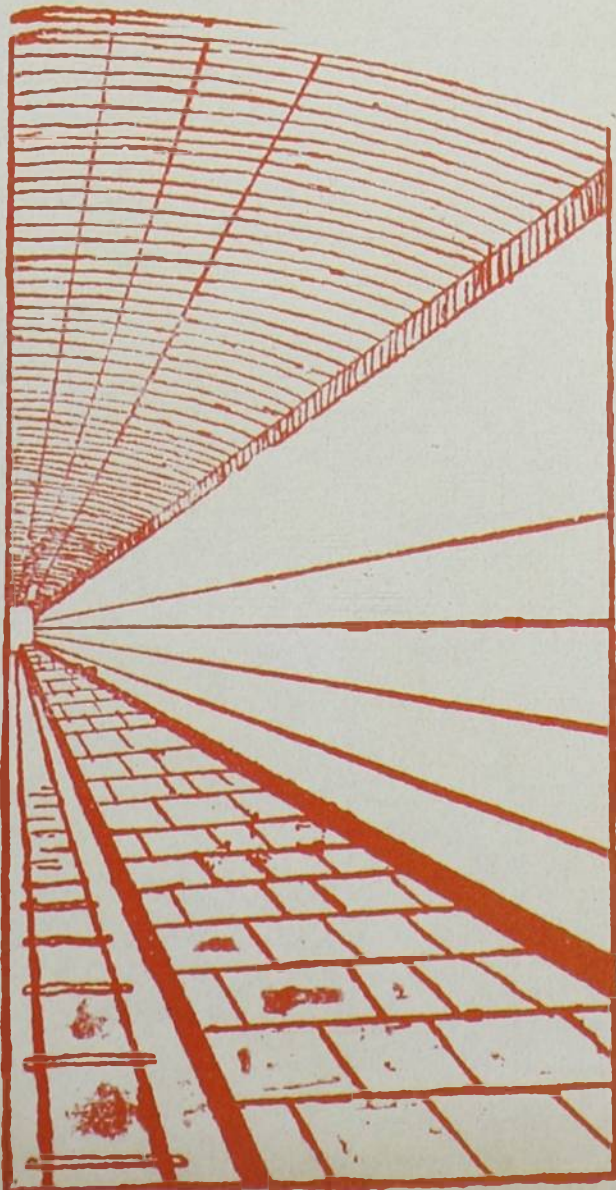
— Oh! Muito boa; parece mesmo a estação.

— Veja agora: Seu pai, você e Laurita. Que tal?

— Não, não está bom. Você fez os tres do mesmo tamanho.

— E' o que lhe parece. Desenhe um homem, um rapazinho e uma pequerrucha.

— Olha aqui!



São do mesmo tamanho.

— Engano seu. — Pois você vai ver: eu recorto as tres figuras para lhe mostrar si não são da mesma altura.

— Bom: emquanto você as recorta, eu acabo de desenhara estação.

— Veja! Veja!... São ou não são do mesmo tamanho?

— Não; não é aqui que eu as quero ver; é na plataforma da estação; colloque-as ali.

— Então, me dê o desenho... Ih! A Laurita está enorme! muito mais alta do que eu e do que papai!!!

— He o meu, essa! Ainda agora, você dizia que eram do mesmo tamanho; agora ella é mais alta.

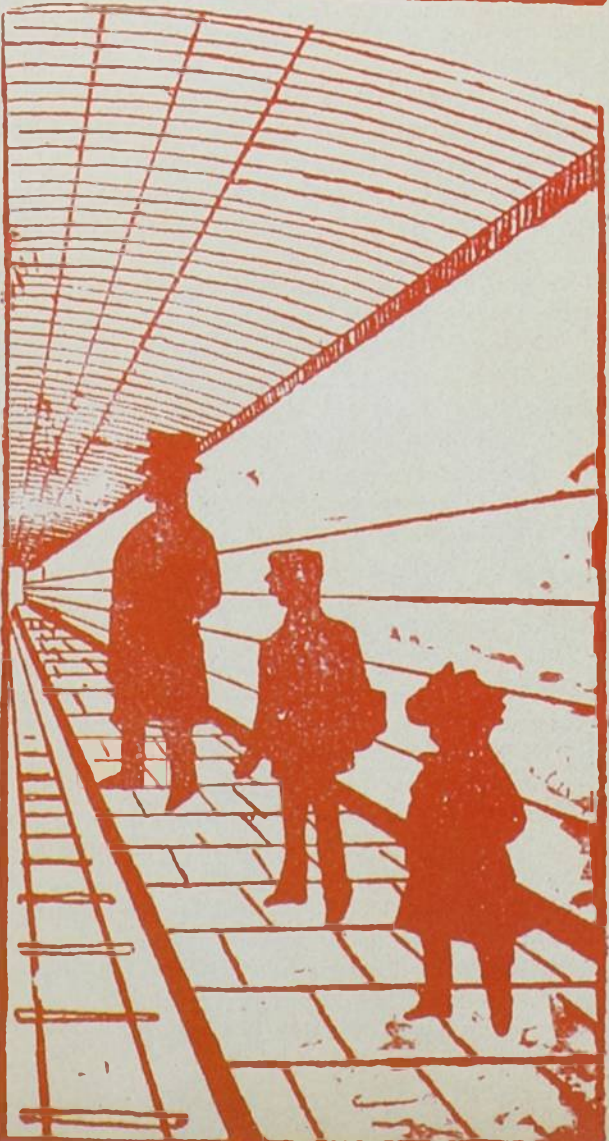
— Pois veja!

— Sim, de me cá... E agora?...

— Ah! E' verdade: papai está maior do que eu, e eu estou maior do que a Laurita. Como foi isto? Por que é assim?

— E' porque seu pai está collocado mais longe, e quando nós vemos os objectos ou as pessoas mais longe ellas parecem menor. Por isto, si nós pintamos diversas pessoas no mesmo quadro, aquellas que estão mais para o fundo, aquellas que queremos mostrar mais longe, devem ser de tamanho menor. Seu pai, que está mais longe, foi desenhado com a mesma altura que você e a Laurita, no entanto apparece maior — com a sua estatura regular de homem. E' a isto que os pintores chamam a perspectiva do quadro.

E. Bomfim



Quem muito quer tudo perde

— Parece que bateram, disse o carvoeiro.

— Foi o vento respondeu a mulher. Effectivamente a velha e miseravel cabana, levantada junto ás primeiras arvores da floresta, parecia gemer e tremia abalada pelo vendaval, que levantava, em torvelins, as folhas secas, esalava grossos ramos, arrancava velhas arvores, deixando-as tombadas, com as raizes expostas.

Os filhos do carvoeiro, tres rapazitos e uma menina, que era a mais nova, de 7 annos, cercavam o bom homem, tremulos e pallidos de medo, persignando-se sempre que um relampago allumiava a cabana.

A chuva jorrava com fragor e na floresta augmentava o barulho das arvores.

De novo o carvoeiro disse:

— Parece que bateram. Talvez algum viajante que a tempestade apanhou em caminho. Nenhum dos pequenos atreveu-se a ir a porta que rangia nos gonzos frageis, sacudida pelo vento, cada vez mais forte; a pequenita, porém, encheu-se de coragem, decidiu-se a ver si havia alguém. Justamente chegava á porta quando bateram e imploraram:



— Pelo amor de Deus, dai-me agasalho por um momento.

Sem hesitar, a pequenita correu o ferrolho e, com uma lufada violenta, ao clarão de um relampago, um velho arrojou-se ao interior humilde.

Era alto, magro; estava coberto de andrajos. No lugar em que se deteve, ainda atordoado, ficou uma poça d'agua. tão encharcado estava.

Dos cabellos, das barbas brancas que se lhe empastavam no peito escorria agua.

O carvoeiro levantou-se para recebê-lo e o velho, depois de abençoar a pequenita, achegou-se ao lume tirando, a falar da devastação que a tempestade ia fazendo por aquellas terras alagadas.

Deram-lhe do que havia no armario; pão, queijo e fructas e o peregrino, confortado, tomando ao collo a pequenita, poz-se a afagala carinhosamente.

Lá fora a tormenta continuava a ragir.

— Habitais um sitio muito arredado e triste, disse o velho ao carvoeiro.

— É' verdade, bem triste. Da floresta tiro a lenha que vendo e a caça de que me nutro. O lugar é melancolico, mas nunca nos faltou o necessario porque o meu trabalho o sabe tirar das arvores e das tocas.

Depois de um silencio em que pareceu meditar, o velho disse, alisando maciamente os cabellos da pequenita:

Entretanto a fortuna está bem perto daqui. A alguns passos desta cabana, na caverna da floresta, ha um thesouro desde os tempos do rei Salomão. Quem lá fór e tirar, de cada vez, quanto possa conduzir sem fadiga, tornará á casa tranquillamente; aquelle, porém, que se exceder na carga terá, no proprio sitio, o castigo da ambição.

— O que dizeis é a verdade, perguntou o carvoeiro alvorocado.

— Só a verdade vos digo, afirmou o velho.

Os pequenitos ouviram e logo, entre si, resolveram,

na manhã seguinte, visitar a floresta e procurar o thesouro annuciado.

Calhando a noite, amainando a tormenta, o velho, apesar das instancias do carvoeiro e da mulher, tomando o cajado, partiu, depois de abençoar a pequenita e de haver agradecido a hospedagem.

Na cabana ninguem dormiu e, aos primeiros alhores da madrugada, sahiram todos: o carvoeiro, a mulher e os tres rapasitos.

A pequenita ficou, para fazer o lume e preparar a refeição.

Embrenhou-se a familia. Cada qual levava um sacco, contando regressar com abundancia de ouro,

Chegaram á caverna, que ficava em sitio temeroso; e, vagarosamente, penetraram.



Bem ao fundo, viram como um monte de brasas que topetava com o tecto — eram luzentas barras de ouro.

Rojaram-se todos e, esquecidos das palavras prudentes do velho, puzeram-se a encher os saccos, sempre achando pouco o que guardavam.

O carvoeiro levantou-se e, com esforço, aos arrancos, arrastou o seu sacco até o limiar da caverna, sem poder orguel-o. tão superior ás suas forças era o peso das barras.

A mulher mal se podia mover, puxava o sacco aos safanões sem conseguir arredal-o e o mesmo faziam os pequenos, seguindo o exemplo que lhes davam os pais. Um delles, porém, lembrou as palavras do velho, mas o carvoeiro irritou-se:



— Ora! o velho... Si bem andou já vai longe. Quem sabe si me abalei de casa para levar uma miseria de ouro? Nada! Temos a fortuna á mão, aproveitemo-la.

Lentamente, esforçadamente, chegaram ao limiar da caverna e sentiram-se presos à terra.

Os pés afundaram no solo e os dedos, alongando-se, desenvolveram-se em raízes, os corpos mudaram-se em troncos, os braços estenderam-se em ramos, os cabellos fizeram-se em folhagem e, mudados em arvores, alli ficaram bracejando ao vento.

Debalde a pequenita esperou-os com o jantar. Em vez delles chegou a noite.

Na manhã seguinte foi ella à floresta, procurou-os, chamou-os e, guiando-se pelas pegadas que haviam ficado na terra molle, foi ter à caverna e ficou deslumbrada deante do cogulo de ouro.

Contente apanhou tres barras dos mais luzentes; sentindo, porém, o peso demasiado para as suas forças e lembrando-se das palavras do velho, desfez-se de uma e, folgadoamente, ia sabindo quando ouviu vozes que diziam escarninhas:

-- Por tão pouco não valia a pena teres vindo a tal distancia. Volta ao thesouro que se te offerrece e lo-opleta-te.

Sem dar ouvidos à seducção a pequenita passou por entre as arvores, regressando à cabana.

No dia seguinte tornou à caverna, apanhou duas outras barras e tranquillamente volveu.

Repetindo a viagem durante mezes, transportou para a cabana todo o ouro da caverna,

Uma tarde, porém, sentada à porta, chorava quando viu vir uma velhinha fatigada, que parava de instante a instante para respirar. Convidou-a a descansar um momento e deu-lhe do que tinha e, enquanto comia, a velha pediu-lhe a razão das lágrimas que lhe arrasavam os olhos.

-- Choro os que perdi, meus pais e meus irmãos. Sou rica ha mais ouro nesta cabana do que no erario do rei e eu o trocára, de bom gosto, pela antiga pobreza si com ella voltassem os que perdi.

Enquanto ella chorava ia a velha astutamente recolhendo as suas lágrimas em um pequenino vaso de crystal. Por fim lhe disse:

-- Vamos à caverna; és digna de ser amerceada por Deus. E logo, agil, como si a levassem azas, a velhinha transportou-se da cabana à floresta levando a pequenita.

À entrada da caverna poz-se a aspergir as arvores com as lágrimas e logo se desfazia o encanto, e um a um,



reappareceram o carvoeiro, a mulher e os rapazitos. Antes, porém, que elles se tirassem do espanto, disse a velha à pequena:

-- Aqui os tens, leva-os contigo e que lhes fique na memoria este caso: Toda a ambição é prejudicial. O homem não deve tentar o impossível: o que muito quer tudo perde e é com perseverança e trabalho que se consegue a fortuna.

Como um fumo que se dissolve a velha desapareceu e a pequenita, abraçando os pais e os irmãos, reconduziu-os à cabana, onde lhes mostrou a riqueza accumulada com paciencia e sem fadiga, com a qual passaram a viver no esplendor da cidade com mais fausto que o rei.

E o carvoeiro, bendizendo o coração da filha, referia-lhe os tormentos que soffreram, elle e os seus, à entrada da caverna, durante o tempo em que viveram transformados em arvores.

COELHO NETTO

NO CIRCO

(De «Le Bon Vivant»)



1) — Uma pequena volta a passo moderado!



2) Valsa!



3) De joelhos!



4) De pé!



HAVIA um rei que, no momento de morrer, chamou seus dous filhos e falou-lhes assim: «Meus filhos, prometam-me uma cousa. Vocês têm uma irmã que nunca viram. Esta encerrada em uma torre, porque, no dia em nasceu, uma fada predisse que ella traria grandes infellicidades á familia.

Por isso fechámol-a na torre; prometam-me nunca a tirar dalli.»

Disse isso e morreu tão depressa que os filhos não tiveram tempo de lhe prometter cousa alguma.

Immediatamente reuniram-se os principaes personagens do reino e nomearam rei o principe mais velho. Apenas terminaram as cerimoniaes da coroação do novo rei, os dous irmãos, que anciavam por ver a irmãsinha, correram á torre que não tinha portas nem escadas, metteram-se na cesta por onde subiam os alimentos para a princeza e chegaram ao seu quarto.

A formosa princeza Roseta alli estava com o seu cão, *Lindinho*, bordando um panno muito rico. Quando viu entrar o rei, com o manto e a coroa, atirou-se de joelhos, pedindo que a tirasse dalli.

—Pois viemos para te libertar, somos teus irmãos e vamos te arranjar um marido que te faça muito feliz.

Comquanto o cesto fosse muito pequeno para conter um rei com coroa e manto, um principe, uma princeza e um cãesinho, desceram todos, apertando-se bem.

Em baixo havia um jardim muito lindo, cheio de flores e fructas e a princeza encantada poz-se a correr e a brincar com o *Lindinho*. Em uma alameda encontrou de repente um pavão, passeando todo ancho, com a cauda aberta como um grande leque.

— Que é isso? perguntou ella espantada.

Disseram-lhe que era um pavão e logo a moça declarou solemnemente que só se casaria com o rei dos pavões.

—Mas, querida irmã, disse o rei. Onde havemos de encontrar esse rei.

— Não sei, não sei, repetia a princeza, mas não me



caso sinão com o rei desses pavões tão lindos!

Não houve remedio. Logo que Roseta foi reconhecida como princeza por toda a corte, os irmãos sahiram pelo mundo á procura do marido que ella queria. Depois de andarem muitas leguas perguntando a uns e outros pelo rei dos pavões, uma abelha mestra, dessas que sabem tudo, lhes disse afinal que havia passado um verão nos jardins daquelle monarcha e que seu reino estava a duas mil leguas pouco mais ou menos.

Os principes continuaram a viagem muito inquietos.

—Mas si o rei tambem for um pavão, como é que ha de casar com a nossa irmã? dizia o rei.

—Ora, respondeu o principe, ha tanto rapaz pavão por ali e todos casam.

Entretanto, quando chegaram ao reino viram com surpresa que os seus habitantes eram homens e mulheres, pavões humanos da melhor especie, vestidos com brilhantes pennas.

Os principes encontraram logo o rei, que andava passeando em um carro de ouro e brilhantes, puxado por doze pavões magnificos. Era tão formoso o monarcha, que os principes ficaram de bocca aberta.

—Senhor! disse afinal um delles approximando-se do illustre personagem, viemos de muito longe para mostrar a Vossa Magestade este retrato.

E assim dizendo entregou-lhe o retrato da princeza Roseta.

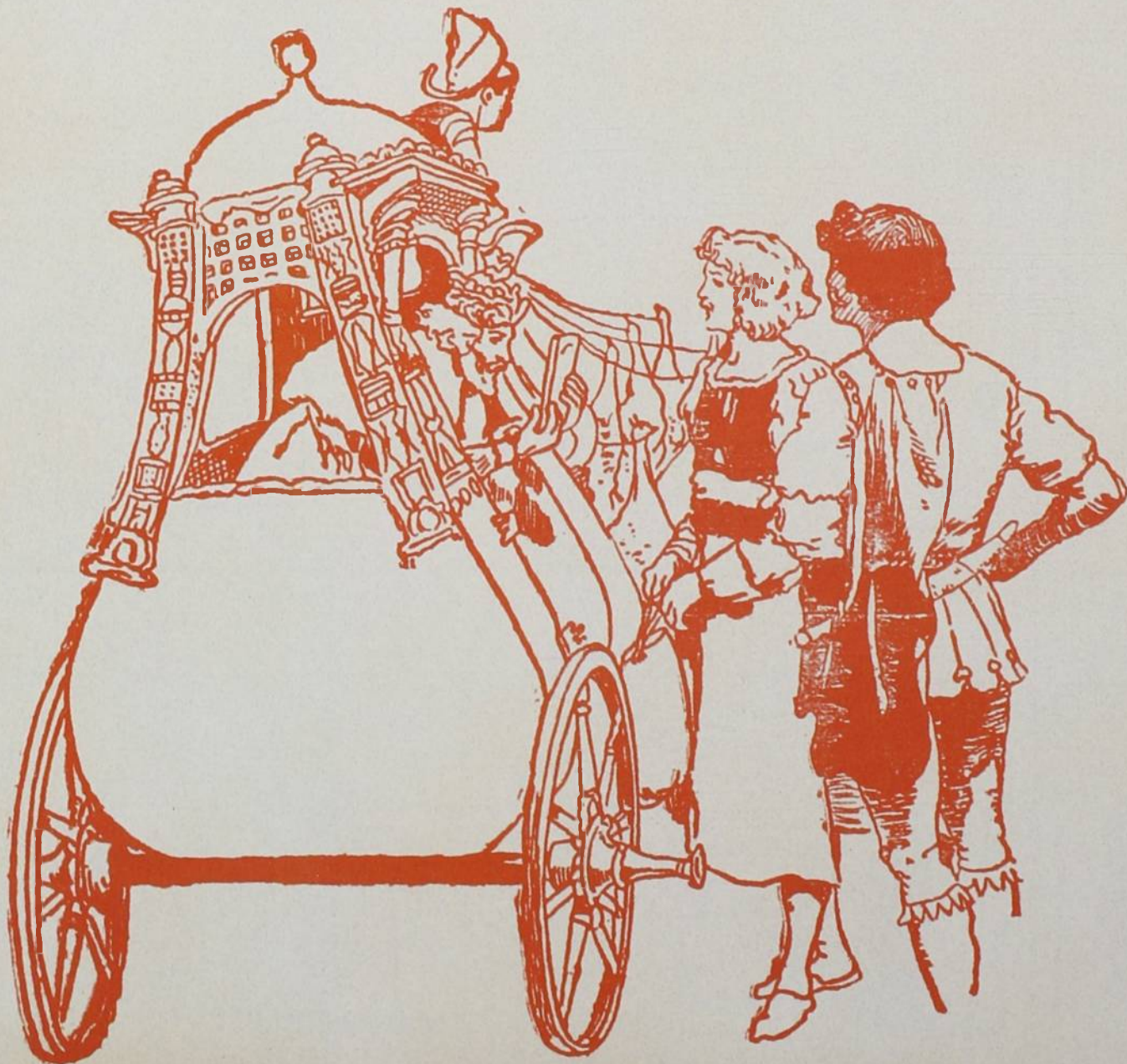
O rei ficou attonito contemplando aquella figura angelical e exclamou:

— Não é possivel que possa existir uma moça tão linda.

— Pois existe, senhor, e é ainda mais bella do que no retrato.

O rei viajante disse quem era e o rei dos pavões declarou com muita gravidade:

— Fiquei apaixonado por essa moça e consinto em casar com ella, mas fiquem sabendo que, si não for tão bonita como mostra o retrato, mando matar vocês dous para não me enganarem.



E ordenou aos guardas que mettessem os dous irmãos em uma prisão muito escura, onde deviam ficar até a chegada da princeza.

Escreveram á Roseta para que viesse e a princezinha ficou como douda de alegria ao receber a carta. Embarcou num navio de vela com Lindinho e partiu. A sua aia, que tambem parecia ansiosa em chegar, perguntava todos os dias ao capitão do barco :

- Já estamos perto ?
- É o homem dizia não.
- Não!

Até que um dia respondeu.

- Sim, já estamos perto.

Então a aia, disse-lhe ao ouvido, em voz muito baixa.

- O senhor quer ganhar muito dinheiro ?
- Como, respondeu o capitão.

— Esta noite, disse a aia, jogaremos a princeza no mar.

Depois vestiremos minha filha com a sua roupa, ella casará como rei dos pavões e eu lhe darei brilhantes até encher o seu navio.

O maruheiro que não era tão máo como a aia, disse que tinha pena de matar a princeza, mas a aia o embriagou com um vinho muito doce e o capitão acabou por aceitar a proposta.

Alta noite quando a princeza estava dormindo com Lindinho aos pés, pegaram na cama muito devagarzinho e atiraram ao mar, com tanto cuidado que nem a princeza nem o cãozinho acordaram.

Felizmente o colção que era de pennas começou a boiar.

Logo depois chegou o barco ao reino dos pavões, onde o rei havia preparado uma recepção esplendida. A malvada aia vestiu na filha o trajo mais bonito da princeza, mas apesar dos bordados e dos brilhantes essa rapariga era tão feia que causava horror. Tinha as pernas tortas, uma grande verruga no nariz, era um monstro.

Apezar disso teve a ousadia de atravessar a cidade em uma carruagem magnifica, puxada por cinco macacos ricamente ajaezados. O povo que a esperava, disposto a gritar «Viva a nossa linda rainha!», ficou espantado de ver aquelle mostrengo e começou a assobiar gritando :

— Fôra a feiosa !

Ella irritada, iusultava todo o mundo e dava taponas nos que estavam mais perto.

Imaginem, como ficou o rei dos pavões, quando a viu. Ergueu-se furioso, exclamando :

— Que quer dizer isso ?

Então zombam assim do melhor dos reis ! Ah ! a minha vingança será terrivel. Ponham immediatamente os dous miseraveis que me enganaram no mais fundo dos calabouços. Quero tambem que enforcuem esta terrivel criatura e todos os que a acompanham.

Enquanto isso se passava Roseta, acordou e, vendo-se sosinha no meio do oceano, poz-se a chorar.

— Ah ! meu Deus ! exclamava ella, que será de mim ?



NEM A PRINCEZA NEM O CÃOZINHO ACORDARAM

Levou dous dias boiando, com muito frio e muita fome. O cãozinho ladrava continuamente e a moça dizia-lhe entre os soluços : ladra Lindinho ! Ladra para ver si alguém ouve !

Por fim um velho pescador ouviu da sua cabana aquelles latidos e sabindo com o seu bote salvou os dous naufragos. Levou-os para a sua cabana; ahí Roseta contou a sua triste historia e pensando que fôra atirada ao mar por ordem do rei dos pavões, pediu ao pescador que occulta-se a sua presença.

O pescador era muito pobre, não podia dar á princeza comidas finas e como Roseta só gostava de cousas muito bem preparadas, amarrou um cestinho no pescoço do Lindinho e mandou-o procurar alimentos na melhor cozinha da cidade.

A melhor cozinha era naturalmente a do rei; para alli se encaminhou o cãozinho; os criados tinham sahido. Lindinho mais que depressa poz no cesto todos os manjares que haviam sido preparados para a mesa real e voltou de carreira para a cabana.

Quando chegou a hora do jantar do rei não havia nada para pôr na mesa.

O soberano ficou enfurecido, mas na hora da ceia aconteceu a mesma cousa e durante tres dias, Lindinho roubou toda a comida, deixando o rei sem almoço, nem jantar, nem ceia.

O pobre monarcha estava magro. No terceiro dia resolveu ir em pessoa vigiar a cozinha e qual não foi o seu assombro, vendo o cãozinho que carregava todos os pratos. Sem se lembrar sequer de sua dignidade real, sahio a correr pelas ruas, atrás do cão; correu, correu até que foi dar na cabana onde encontrou Roseta, muito satisfeita, comendo a sua sopa.

Ficou tão indignado que queria enforcar logo o velho pescador, mas este ajoelhando-se a seus pés contou-lhe toda a historia.

Sua magestade ficou tão contente por encontrar a princeza Roseta que, apesar de não ter comido havia tres dias, deu tres pules.

Poucos dias depois celebrou-se o casa-



DAVA TAPONAS NOS QUE ESTAVAM MAIS PERTO

mento com muita pompa indo adiante de todos, os dons irmãos da noiva.



APEZAR DE NÃO TER COMIDO HAVIA TRES DIAS,
O REI DEU TRES PULOS

A pedido de Roseta foram perdoados a aia e o capitão do navio e o rei deu muito dinheiro ao pescador.

Viveram então todos na maior felicidade, inclusive o Lindinho que foi nomeado guarda-mór da cozinha real.

M. MAITLAND

GAIOLA DO "TICO-TICO"

Parenta proxima da famosa *Caixa do Malho*, servirá esta gaiola para responder a todas as erianças que nos quiserem honrar com a sua collaboração artistica ou litteraria.

É uma gaiola que falla e canta: não rufa, como a Caixa, na pelle dos «camaradinhos». Apenas tem um alcapão onde *cahirá* tudo que não servir...

Que esta secção é uma necessidade, prova-o o facto de já termos as seguintes respostas:

Aristeu Coelho (Rio) — Sim, senhor: pôde mandar os versinhos. O que será difficil é o amiguinho vel-os publicados, visto que se referem á sua namorada... Na sua idade, o seu melhor namoro deve ser a sabbatina do collegio e o doce de coco que a vóvó faz, de se lamber o beico.

Nelson Noronha (Rio) — Vê-se que o camaradinho fez um grande esforço para nos contar em verso a historia da *Mezada do papai*. Damos-lhe um conselho: contenos isso em prosa simples, que terá mais graça.

Carlos Andrade Neves (Rio) — Com essa idade já tão triste e tão dramatico? Pelo amor de Deus! Adoce um pouco os seus nervos, ainda que para isso tenha de gastar uns cobses em *tablettes* da Companhia Assuearcira.

O Bubú é um menino intelligente e esperto, que promette... saber ganhar muito bem a vida. Elle teve que recitar uma fabula deante de sua madrinha, num dia de festa.

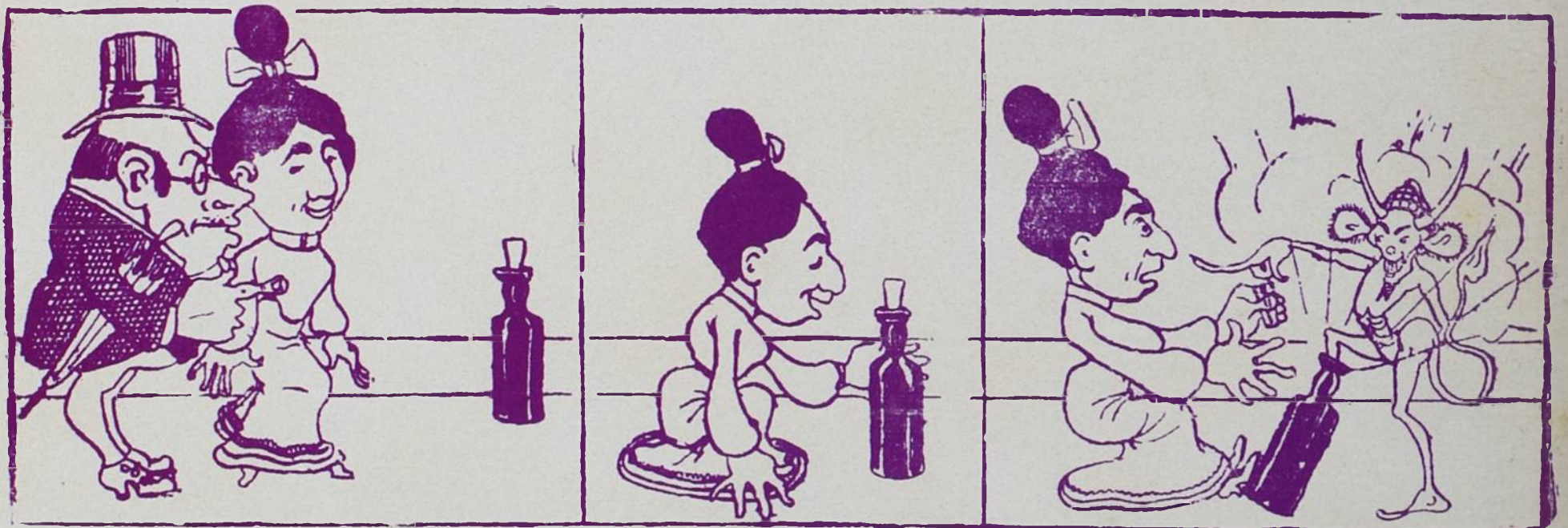
Chegando á casa da madrinha, pergunta-lhe:

--Disseram-me que a senhora me daria dez tostões si eu recitasse uma fabula em sua presenca?

— Sim, meu travesso.

— Pois si quizer recito-lhe duas por mil e quinhentos

A MULHER ENGANOU O DIADO



— Eu vou sair. Olha que allí dentro tem o diabo. Não mexas allí!

— Mas terá mesmo o diabo? Qual! Sou como S. Thomé:
— Só acredito no que vejo.

Tirada que foi a rolha, saiu o diabo e disse que ajudaria a dar a sóva com que seu marido iria premiar sua curiosidade.



A mulherzinha teve então uma idéa e disse: — Tu não estavas ahi dentro!
— Estava sim, respondeu o diabo.
— Qual! É mentira! Tu és um grande mentiroso!
— Estava, já disse.
— Só acreditarei si entrares para on vor.

O diabo então entrou para provar. A mulhersinha arrolhou a garrafa.

Botou-a lá no canto e riu muito de ter enganado o diabo e de se ver livre da surra, que de certo levaria si elle tivesse ficado solto.

LEO
Rio - 05

HISTORIAS DE SU FORTUNATO

AS HISTORIAS DE SEU FORTUNATO

I

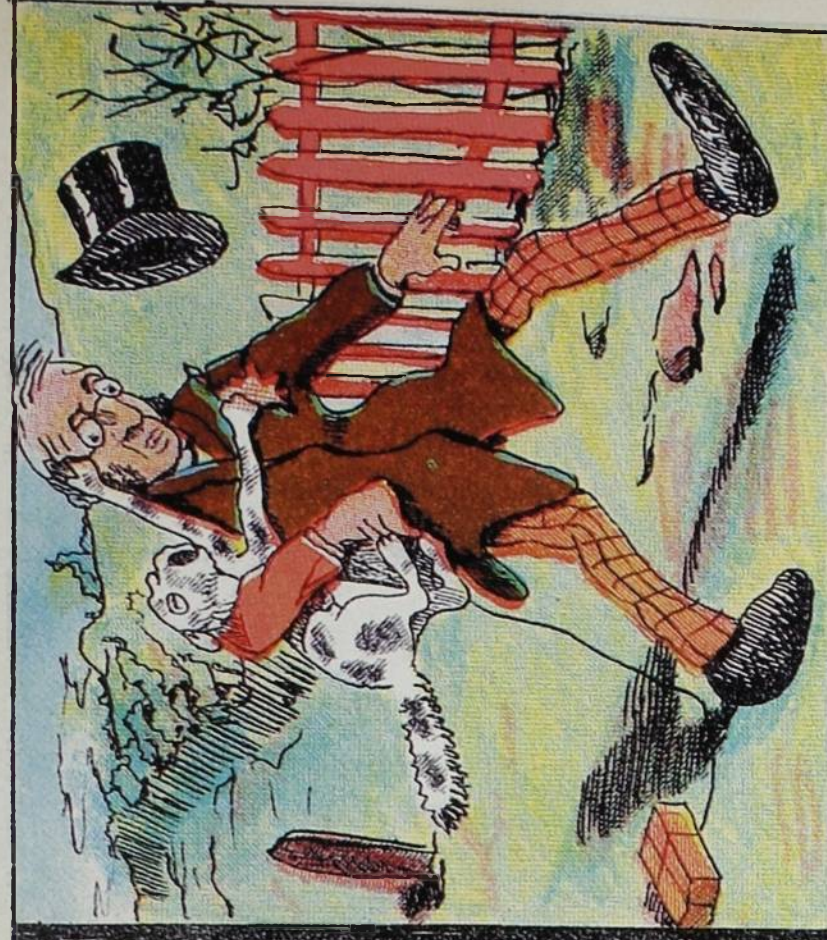
A MORTE DO GATO



1) Todos os dias D. Ludovina se queixava de que o gato sujava a casa toda e pedia que puzessem fóra aquelle bicho tão feio... mas seu Fortunato, que tem muito bom coração, ficava com pena.



2) Até que um dia, tanto a mulher insistiu que elle resolvesse ir jogar o gato ao rio. Amarrou-lhe uma pedra no pescoço e sahii, mas o bicho não quiz andar nem por nada.



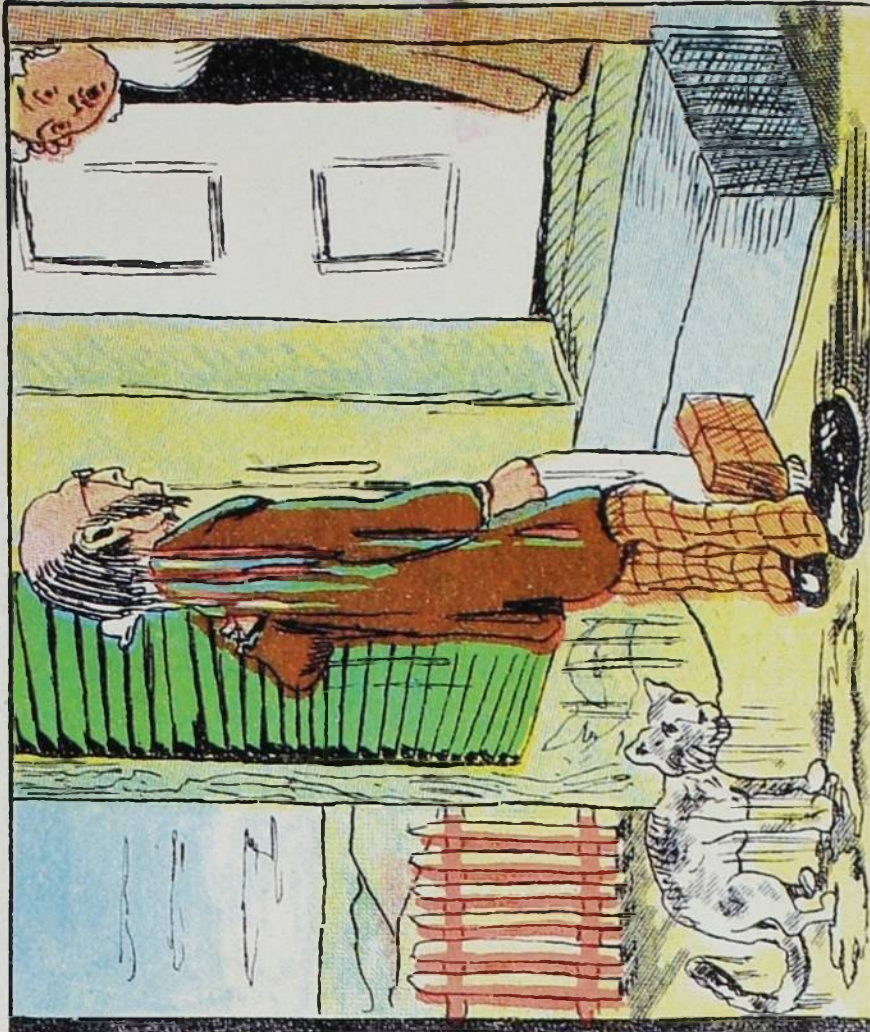
3) Seu Fortunato teve que carregal-o ao collo e o gato arranhou-o todo, rasgando-lhe a roupa... Quando chegaram ao rio...



4) seu Fortunato estava em misero estado. Atirou o gato e ficou olhando com muito pesar.



5) O bichano quiz nadar mas a pedra puxava-o para o fundo. Quando seu Fortunato viu que elle estava quasi se afogando, só com uma patinha de fora, não se conteve e atirou-se ao rio para o salvar.



6. Imaginem com que caia ficou D. Ludovina ao ver voltar o marido encharcado d'agua, sem chapéu, todo rasgado, todo arranhado... e com o gato!

AS DESVENTURAS DO CHIQUINHO

I

A CORRIDA COM O JAGUNÇO



Chiquinho tem um cachorro chamado Jagunço, que é quase tão levado da breca como o dono. Um dia Chiquinho foi brincar de cavalo com o Jagunço. Pegou num chicote e



...saiu a correr atrás do cachorro. O primeiro resultado não se fez esperar.

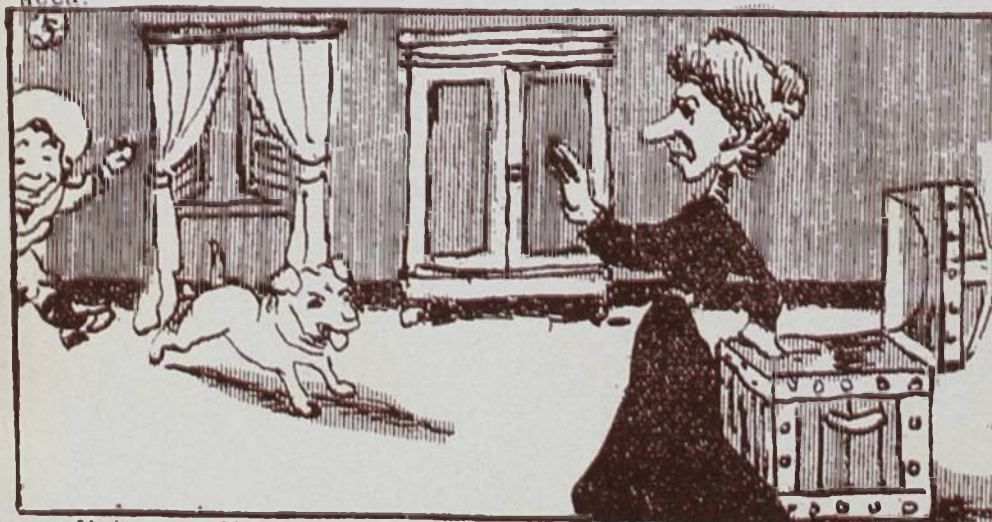
Nenê, que estava muito quieta na sua cadeirinha, virou com cadeira e tudo e o Chiquinho deu um trambulhão por cima de ambos.



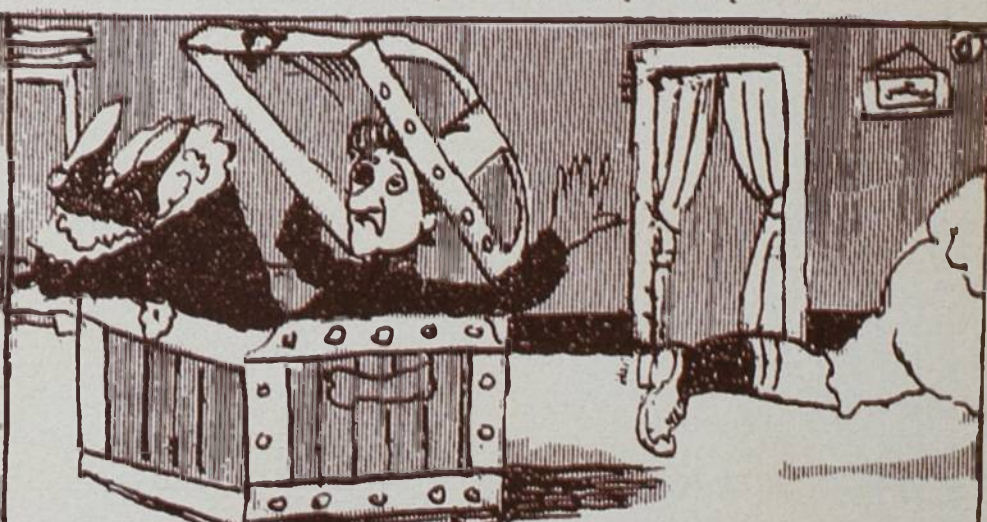
Mas Chiquinho não desanimou. Saiu atrás do Jagunço e disparou pelo jardim, onde mana Zizi estava passeando com a sua boieca.



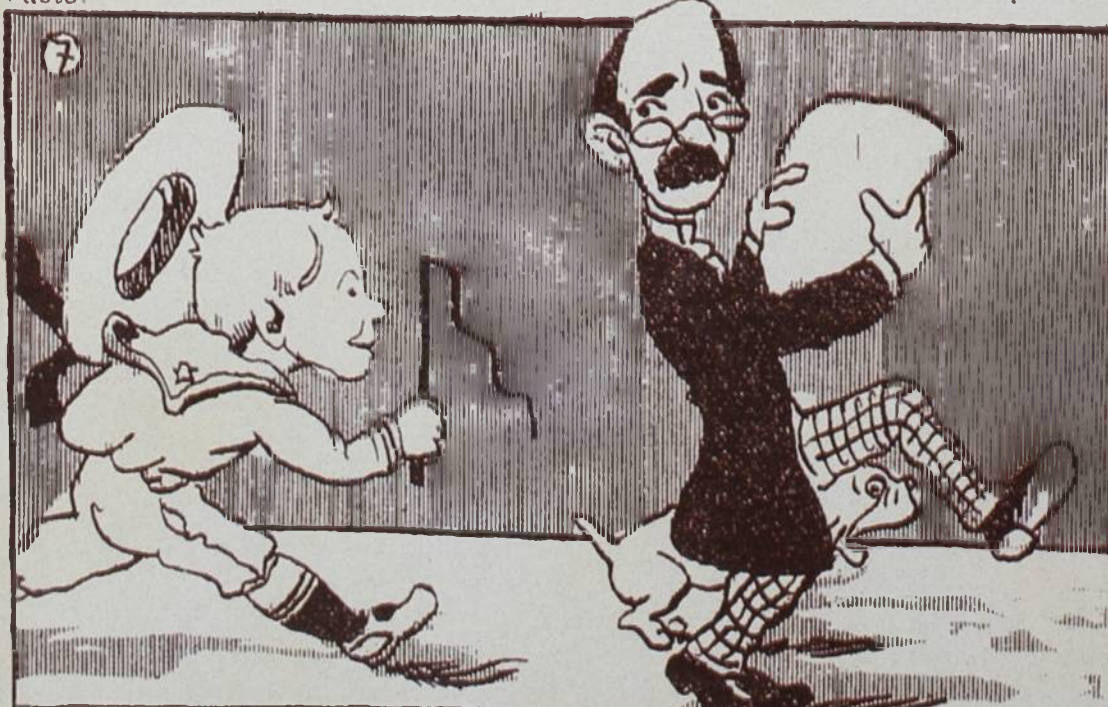
Depois da passagem de Chiquinho foi preciso que o jardineiro viesse acudir a mana Zizi, que ficara de pernas para o ar.



Voltaram Chiquinho e Jagunço para dentro de casa. Mamãe, que estava arrumando uma mala, quando os viu entrar teve um grande susto.



...mas não conseguiram evitar o choque. O menino e o cachorro passaram num tal reboleço que atiraram mamãe dentro da mala.



Na outra sala estava papae lendo o *Mathe*. O cachorro passou-lhe pelas pernas e Chiquinho atirou-se também...



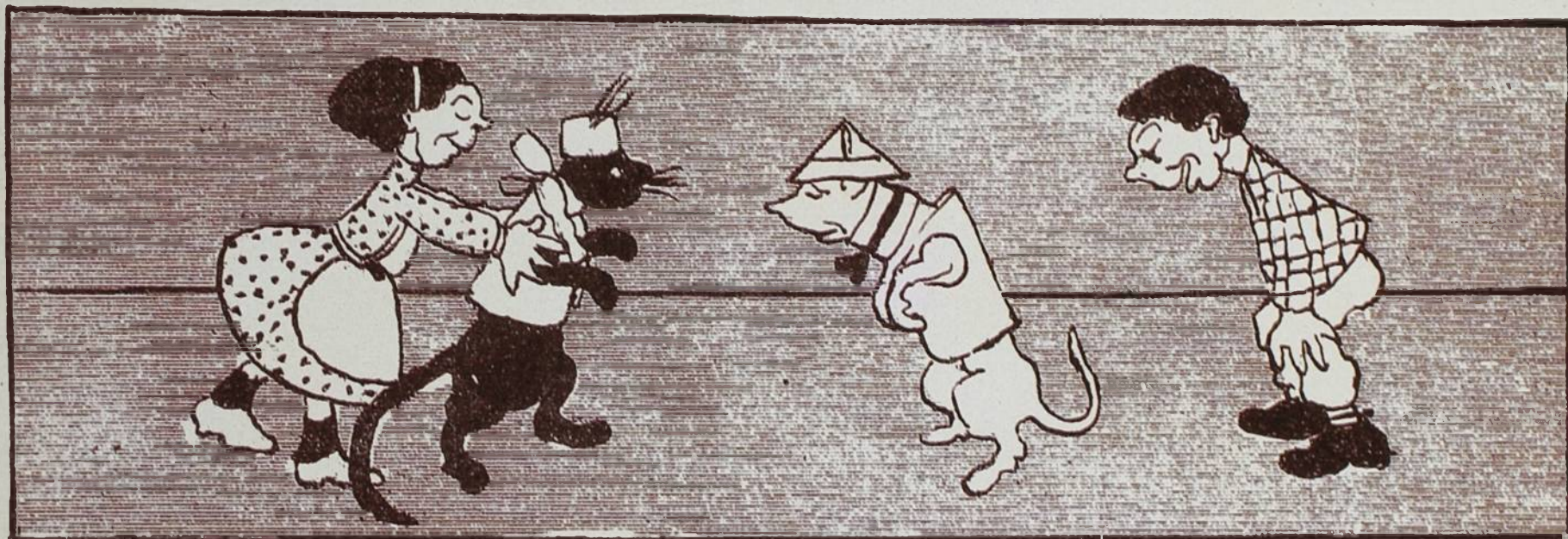
Mas com papae a coisa foi mais séria e a brincadeira da corrida acabou com uma sóva que Chiquinho apanhou. Palmada em penca até o Jagunço ficou com pena!

Mary

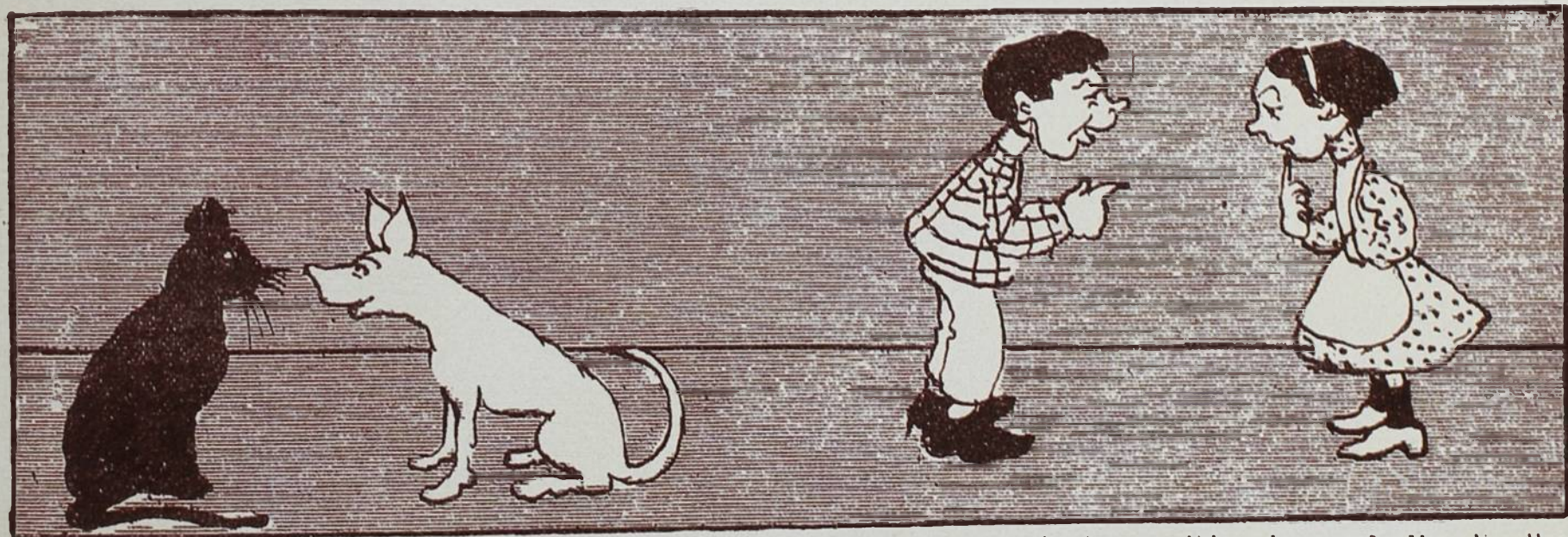
A VINGANÇA DE VELLUDO E MIMI



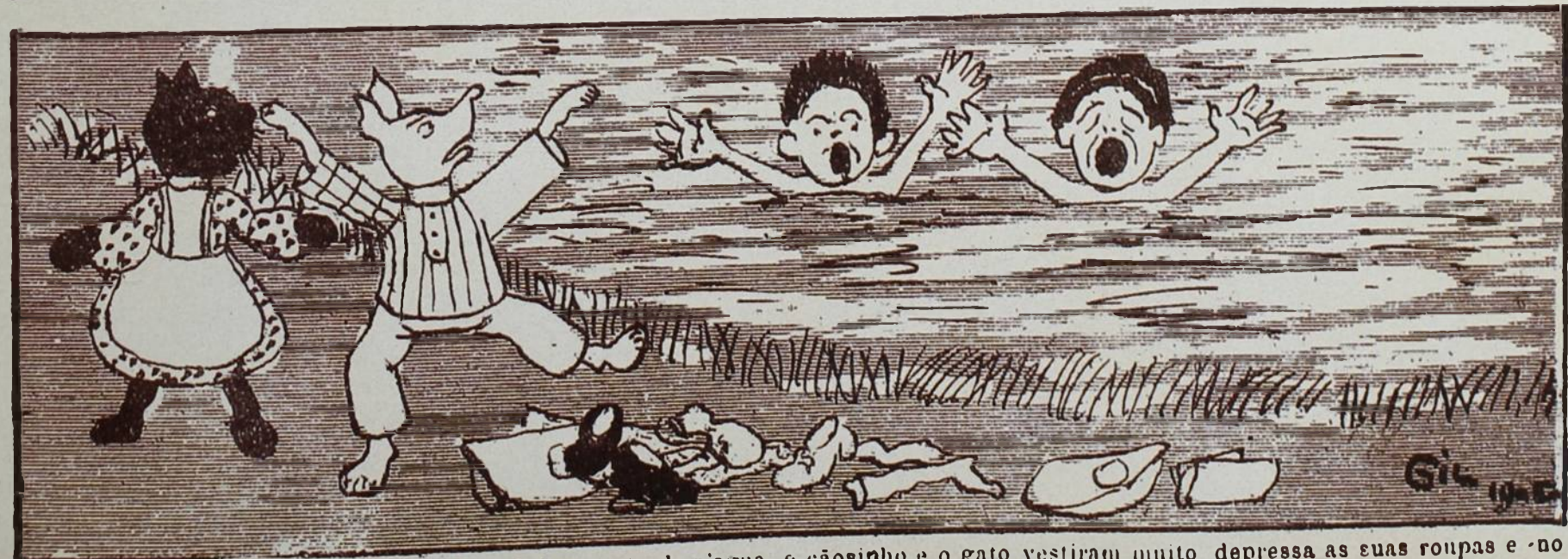
A mamã de Juquinha e Lili tinha em casa um cãesinho, o Velludo, e um gatinho, o Mimi, ambos muito mansos. Juquinha e Lili eram meninos más e judiavam muito com os pobres bichinhos.



De todas as judiarias, a de que elles gostavam mais, era vestir os dois animalzinhos com roupas de papel e fazel-os andar como gente por toda a casa. Juquinha e Lili riam-se a mais não poder daquela zombaria.

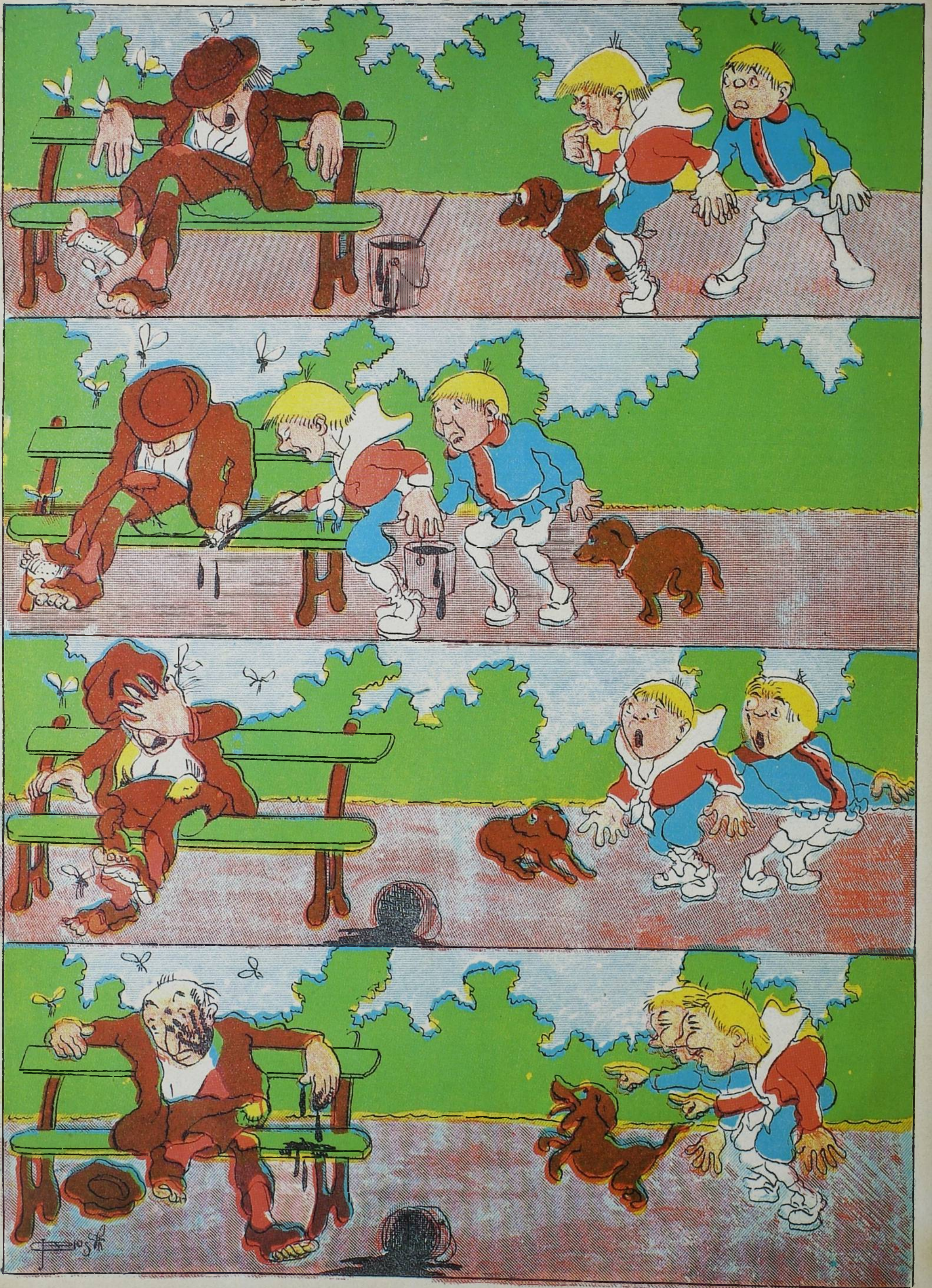


Havia nos fundos da casa um rio, onde Juquinha e Lili costumavam tomar banho às escondidas da mamã. Um dia elles estavam combinando o banho e Velludo e Mimi, que tudo escutaram, prepararam uma vingança.



Dito e feito. Mal Juquinha e Lili tinham entrado n'agua, o cãesinho e o gato vestiram muito depressa as suas roupas e no lugar dellas puzeram as de papel com que eram judiados. A mamã de Juquinha e Lili soube de tudo assim, e deu-lhes uma surra, que não lhes conto nada!

HISTORIA SEM PALAVRAS



Os concursos d'O TICO-TICO

O Tico-Tico, de accordo com o que já declaramos pel'O Malho, abrirá os mais variados concursos entre os meninos e meninas, que vão constituir os seus leitores.

Pel'O Malho abrimos já o primeiro concurso, que se encerrará no dia 30 do corrente, e cujas condições repetimos abaixo.

Ficam tambem abertos os outros dous concursos, que se seguem ás condições do primeiro.

CONCURSO N. 1

(Os concurrentes não devem ter mais de 12 annos)

— QUE É QUE O MENINO QUER SER ?

Os meninos devem dizer-nos sob o titulo O QUE EU QUERO SER qual a profissão que desejam adoptar e devem apresentar os motivos e razões por que preferem essa profissão.

CONDIÇÕES PARA CONCORRER :

As respostas serão curtas, não podendo occupar mais que uma pagina do papel almasso: as que excederem uma pagina de papel almasso não serão acceitas.

As respostas devem ser enviadas ao nosso escriptorio, até o dia 30 do mez corrente, e devem trazer as verdadeiras assignaturas dos respectivos autores, a idade e o logar em que moram.

É claro que nem os pais, professores ou quaesquer outras pessoas devem intervir nessas respostas, pois quem, por exemplo, preparasse ou emendasse a resposta dum menino não só desvirtuaria o intuito do concurso como praticaria um acto de falsidade que, por si só, influiria pessimamente na moral do menino.

Deixem os meninos responder inteiramente de conformidade com o seu espirito e aspirações. A primeira virtude deste concurso estará nisso: — desde logo o menino, ao dizer o que deseja ser, e pela maneira por que o disser, revelará as suas tendências, o seu animo, o seu valor. Desde logo o menino retratará o homem que guarda em si. É ao fim deste concurso, a que esperamos que concorram todos os nossos patriciosinhos (que nisto os pais os influam), conforme as profissões mais desejadas, já nós poderemos calcular o que será o Brasil de amanhã, já poderemos prever si essa nova geração que ahi vem apontando terá a seiva e os ideaes capazes de conduzirem esta grande patria ao futuro que sonhamos brilhante.

Como vêem, trata-se de um concurso interessantissimo.

PREMIOS

As respostas serão julgadas por um jury que vamos nomear, composto de pessoas eminentes. No julgamento influirão não só a boa redacção como os argumentos, as razões por que tal profissão é a preferida. O menino autor da resposta considerada a melhor terá um premio de

CEM MIL RÉIS

com que poderá comprar livros, ou o que quizer, e enviarnos-á o seu retrato para que o publicemos.

Os meninos autores das respostas julgadas em 2º, 3º e 4º logares terão como premios 50\$000, 30\$000 e 20\$000, respectivamente, além dos retratos.

As respostas julgadas em 5º, 6º, 7º, 8º, 9º e 10º logares darão direito á publicação dos retratos dos seus autores.

São pois, como se vê, 10 as respostas premiadas, mas, além dessas, publicaremos tambem todas as outras que o merecerem — e só essa publicação já será uma homenagem aos seus autores.

Quando o menino premiado for do interior, mediante ordem legal de seu pai ou pessoa que o substitua, entregaremos aqui a importancia do premio ou a enviaremos pelo correio.

O prazo para a chegada das respostas a nosso escriptorio terminará em 30 de outubro proximo.

CONCURSO N. 2

Aqui estão dez palhaços, uns de pé, outros deitados, outros de cabeça para baixo, e outros em posição ainda mais incommoda. Os nossos pequenos leitores têm que recortar essas 10 ligurinhas, e dispolas de fórma a construir com ellas as letras da palavra

Ali-Babá

Um premio de 20\$ será concedido ao menino ou me-

nina que nos enviar, até o dia 10 do mez proximo, a solução mais elegante.



CONCURSO N. 3

(PARA MENINOS E MENINAS DO RIO DE JANEIRO)

Aqui está uma porção de palitos — são 11: qual o meio de fazer delles 8, sem destruir nem eliminar nenhum?



Um premio de 10\$ sera conferido ao menino ou menina que nos enviar a primeira resposta exacta. Recobem-se as respostas até o proximo sabbado, dia 14.

MACACO POR BANANA



— Vem cá, meu bem! casa-te conmigo! Prometto-te um paraíso; os nossos almoços, jantares e ceias sempre serão de bananas!...

— Isso diz você agora, mas depois, come todas as bananas e só me dá as cascas!...

As aventuras de Piriripipi e Jururúbubú

Um nasceu em Canudos, na Bahia, e o outro no Timbó, no Rio Grande do Sul. Inimigos de graça, Piriripipi e Jururúbubú, desde o nascimento, juraram acabar um com a vida do outro por questões até hoje desconhecidas. Ambos eram velhacos e dispunham de grande poder magico. Andavam pelo mundo a fazer proezas, e talvez por isso é que nasceu a rivalidade entre o gaúcho e o bahiano.

E' preciso notar que elles tinham medo um do outro e evitavam encontrar-se antes de ter estudado o plano para triumphar completamente do adversario.

Todo o mundo falava em um e outro e apostava por Piriripipi ou por Jururúbubú.

A cousa andava assim quando de repente os dous se encontraram na estrada. Piriripipi, avistando Jururúbubú, transformou-se em grão de milho e ficou entre as pedrinhas do caminho.

— Raios te partam, si não acabo contigo!

E immediatamente Jururúbubú transmudou-se em gallo de briga e poz-se a ciscar para tirar o grão de milho do meio das pedras e engulil-o de vez.

Piriripipi percebeu a magia e sentiu-se perdido. Mas deixar-se-ia elle vencer assim sem mais nem menos? Não! Isso era um absurdo! E Piriripipi começou a grelar, a grelar, enquanto o gallo ciscava á procura do grãozinho, já mudado em espiga no alto do pé de milho. Desesperado, Jururúbubú foi-se embora, enquanto Piriripipi desatava a rir do desespero do outro.

Ouvindo as gargalhadas, Jururúbubú voltou-se e avançou para Piriripipi. Agora vinha feito bicycleta, e



toda a velocidade, e teria infallivelmente esmagado Piriripipi, si este não tivesse a lembrança de se transformar em ponta de prego, tão pequenino e tão fino que a bicycleta nem sequer achatou. Mas ali, a ponta do prego furou o pneumatico das rodas e Jururúbubú cahiu no meio do caminho praguejando.

Piriripipi podia perfeitamente apanhar o inimigo e dar-lhe cabo dos ossos, e ia agarral-o quando Jururúbubú, creando alento, mudou-se em balão de Santos Dumont e entrou a voar no espaço com grande espanto de Piriripipi; que começou a chorar de raiva, imaginando um plano para apanhar o balão, fural-o e dar com Jururúbubú em terra. Teve uma idéa e mudou-se em poste telephonico cheio de fios e pontas, mesmo no momento em que o balão descia. O resultado foi que Jururúbubú engalhou-se nos fios com o seu balão e veiu cahindo todo rasgado.



▲ a cousa estava preta e desta vez Piriripipi mettia o gadanho em Jururúbubú, porque estavam perto do mar,

e elle, apesar de ser um grande magico, nadava menos que uma bola de chumbo.

Piriripipi ria a bom rir dos apuros de Jururúbubú, quando este se lembrou de tomar a fórma de um navio de guerra e lá se foi navegando para o alto mar, de onde começou a bombardear a costa com todos os canhões de suas torres de aço. Piriripipi estava perdido, mas em quanto o couraçado Jururúbubú acertava as suas medonhas pontarias, Piriripipi transformava-se em torpedeira e navegava com uma carga de dynamite em direcção ao terrível navio de guerra.



Desta vez Jururúbubú ia a pique com os torpedos de Piriripipi, si o perigo não lhe suggerisse a idéa feliz de se mudar em peixe, de sorte que no instante mesmo em que a torpedeira chegava a cem metros do couraçado, este desapareceu engulido pelas ondas do oceano.

— Bravo! exclamou Piriripipi, desta vez ganhei a partida, o casco velho afundou e não escapa mais!

E lá se veiu muito contente no seu naviosinho para o porto, quando viu na praia um enorme tubarão com os



dentes arreganhados á espera de Piriripipi para o engulir de um trago.

(Continúa).

DARIO FILHO

BRINCANDO E APRENDENDO



Esta figurinha representa um passaro pousado num poleiro, prompto a voar. A vontade, a criança pode fazel-o vir beliscar a comida na mão. E' passaro recortado em papelão e montado sobre duas pernas de arame, enrolado ao poleiro. Faz-se descer da cauda do passarinho um outro arame curvo, como indica a figura, e terminado por um pedaço de chumbo ou de ferro. Assim o passaro

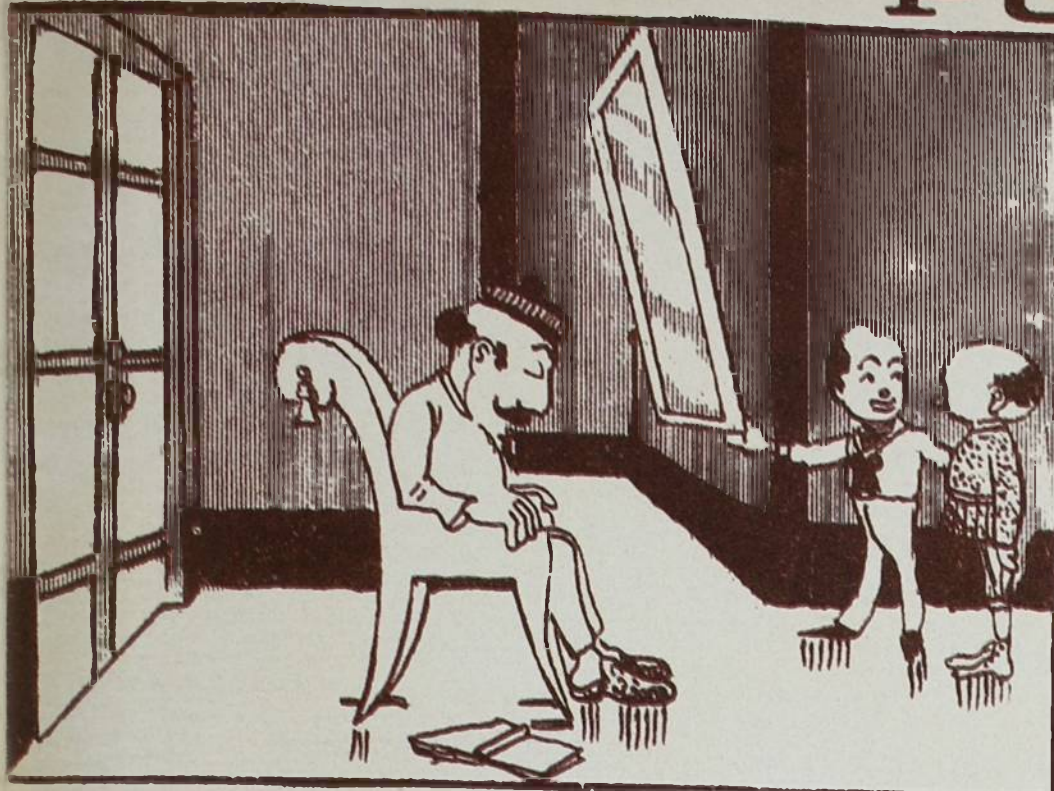
se mantém sempre de pé sobre o trapezio. O bico é formado de um bico de penna de escrever; e a criança, para brincar, dissimula na mão, entre o pollegar e o index, um pequeno iman e põe deante d'elle, escondendo-o, uma bolinha de miolo de pão. A pproxima-o do passaro, e este (porque o bico é de ferro), attrahido, vem picar o pão, como si o quizesse comer. Afasta-se o iman e o brinquedo volta á sua posição primitiva; e assim, successivamente, até que a criança se enfada e atira tudo para o lado.

Num hotel.

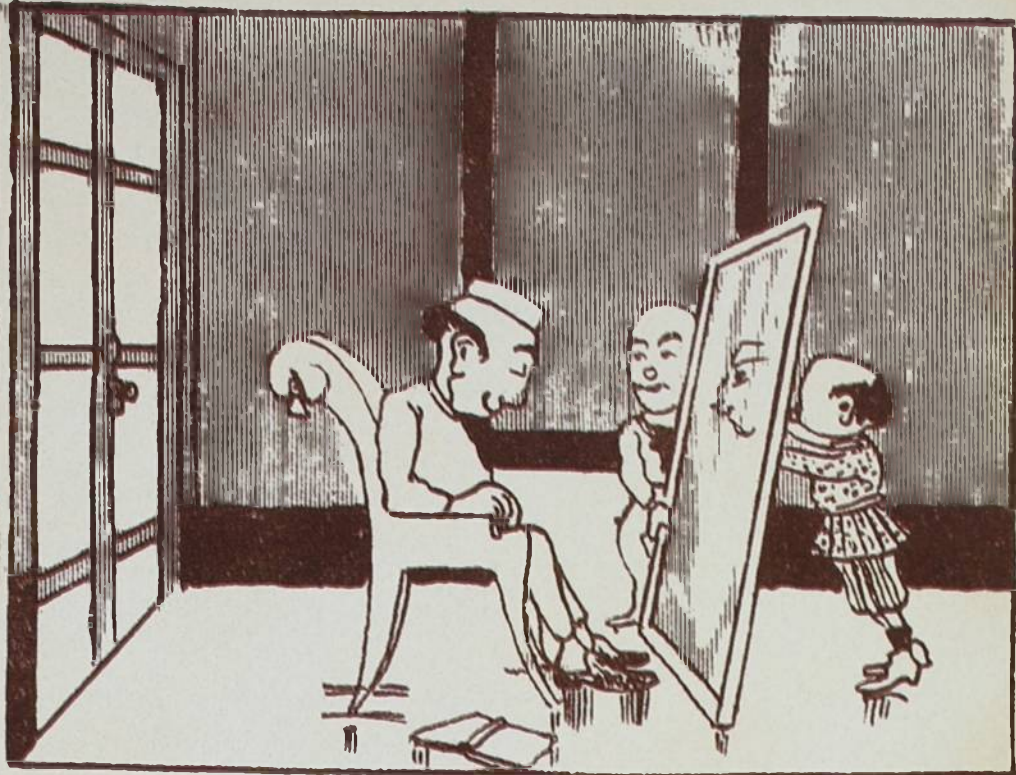
O freguez: — Olá garçon, que immundicie é esta? Como é que eu encontro um cabello na sopa? Olha aqui!

O garçon (examinando): — Oh! não é cabello, não, senhor! É simplesmente um fio do bigode do cozinheiro!

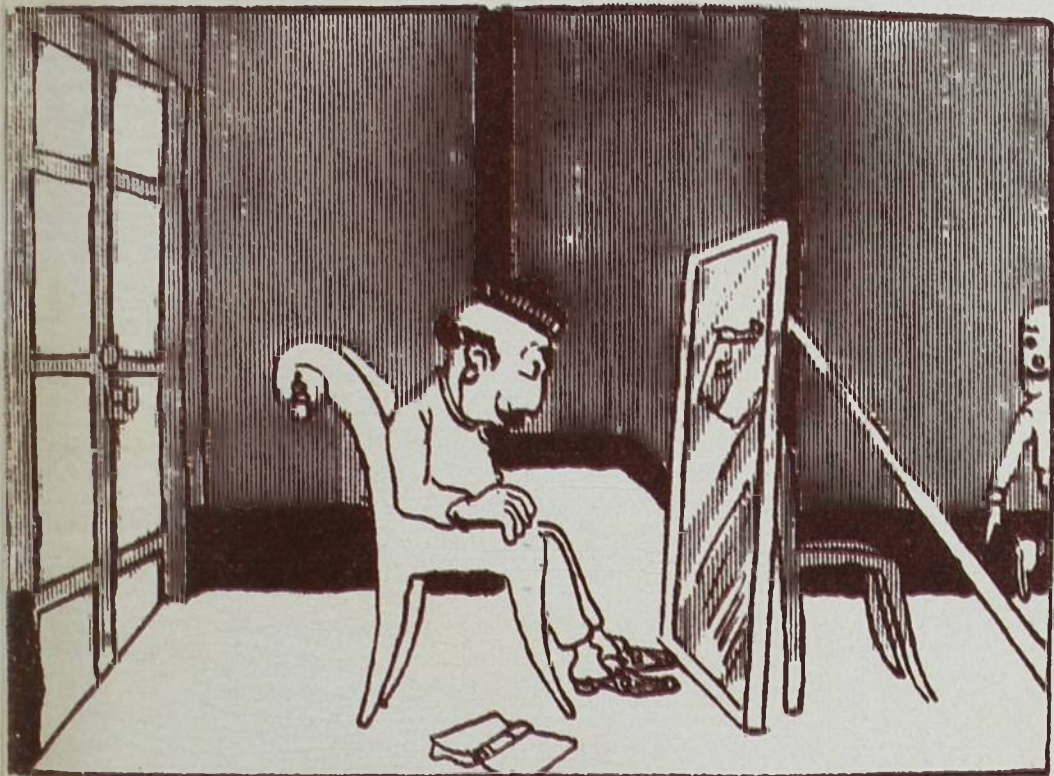
PUM!



-Ih! Como papae dorme! Vamos descer o espelho e collocalo deante delie.
-Vamos.



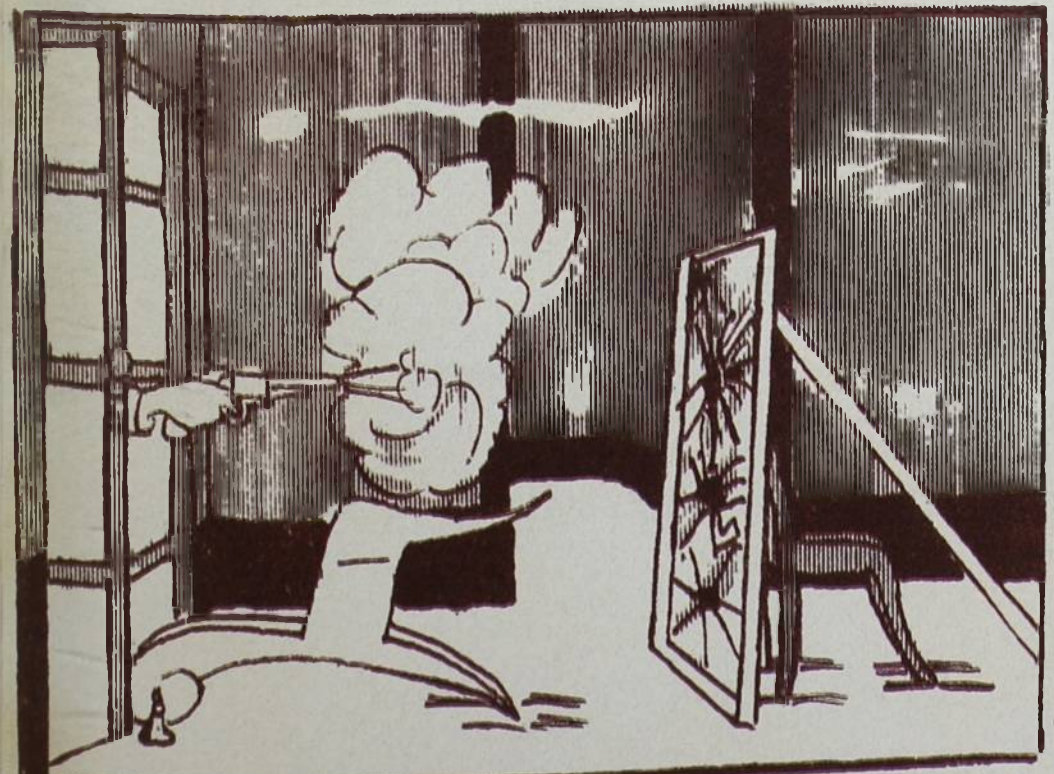
-Que cara engraçada tem papae!
-Principalmente quando dorme!



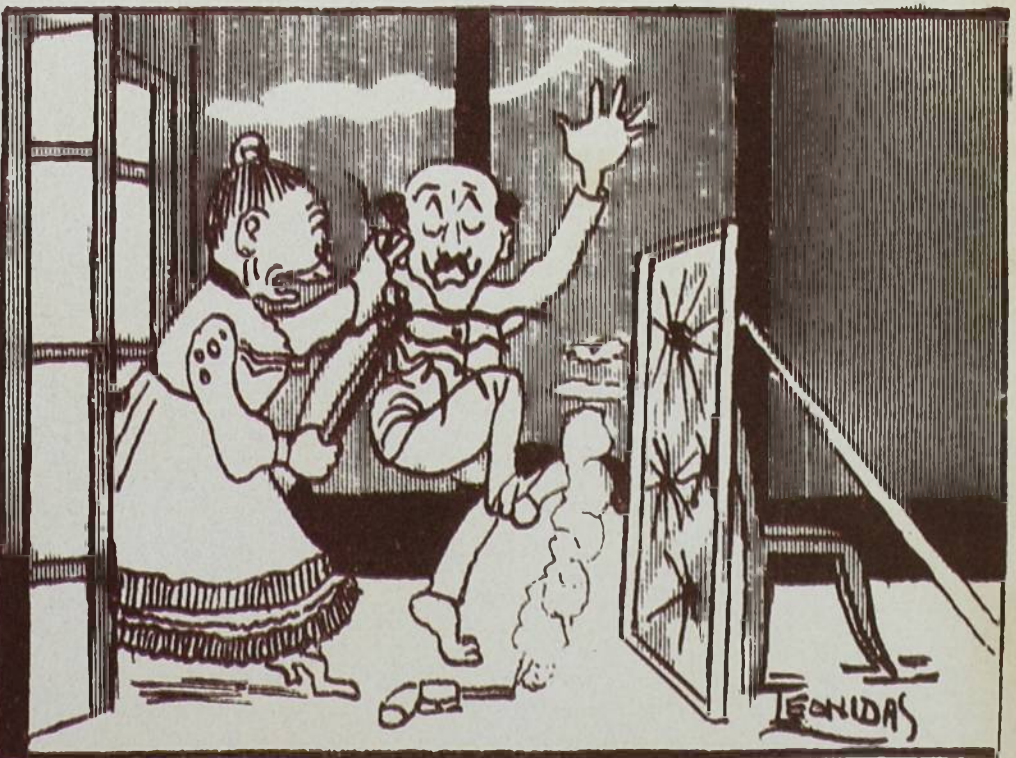
-Escoras-te bem o espelho?
-Escorei. Fica quiéto, fica quiéto, parece que papae vai acordar!



-Que é isto?!... Que vejo?!... Um estranho na minha frente?! Um gatuno dentro da minha casa?!... Espera ahi!...



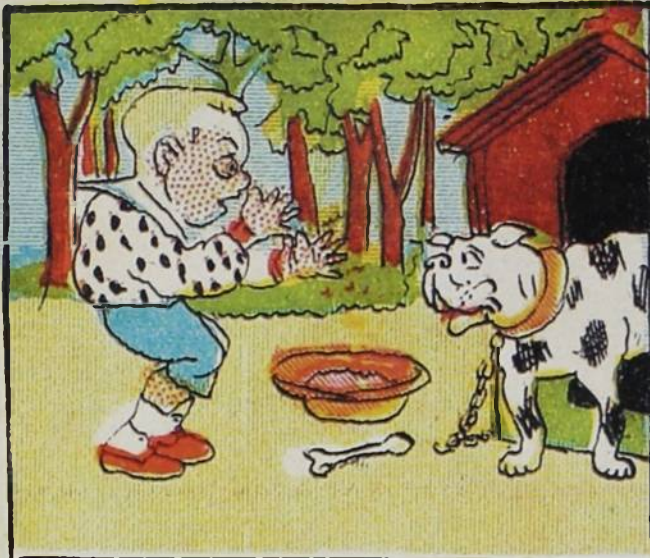
Para os larapios que me invadem o lar eu tenho sempre um revolver carregado.
Pum! Pum! Pum!



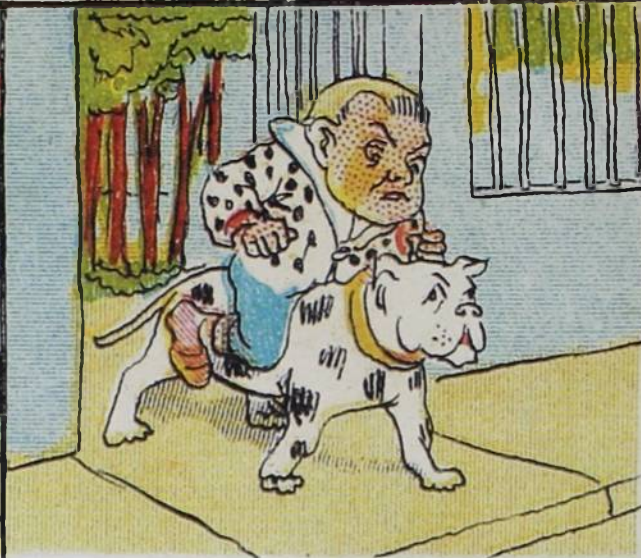
Nisto sua mulher apparece e dá-lhe uma sova dizendo que quando elle quizer fazer exercicios de tiro ao alvo vá ao Casino.
| | | | | | | | | |

LEONIDAS

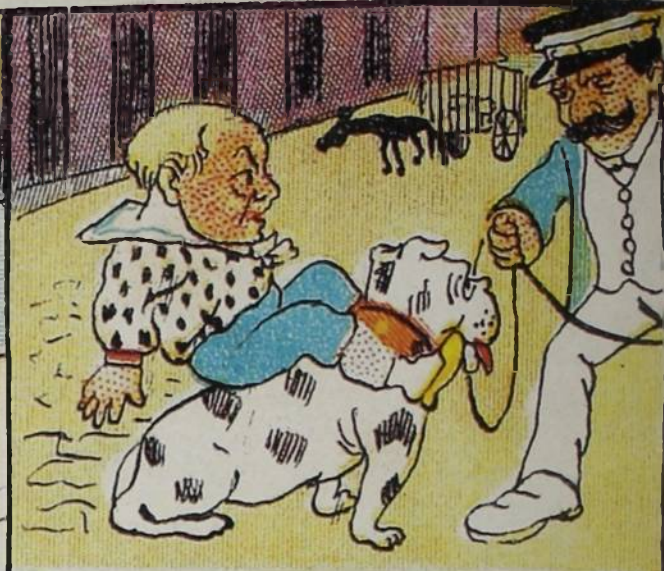
O MENINO QUE MONTOU NO CACHORRO



O Tatá era um menino muito mau. E o maior gosto delle era fazer perversidades ao Totó, o vigia da casa.



Uma vez elle soltou o Totó. fez o pobre cachorro de cavallo e atirou-se para a rua.



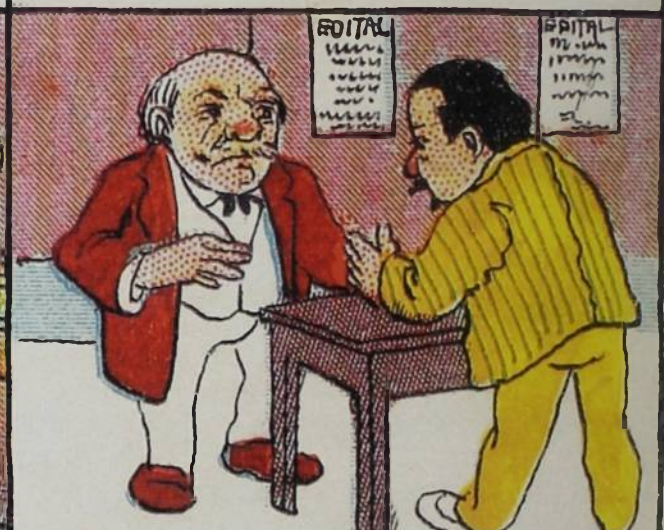
Veio o fiscal da Prefeitura com a carroça de apanha cães, agarrou o Totó e mais o Tatá



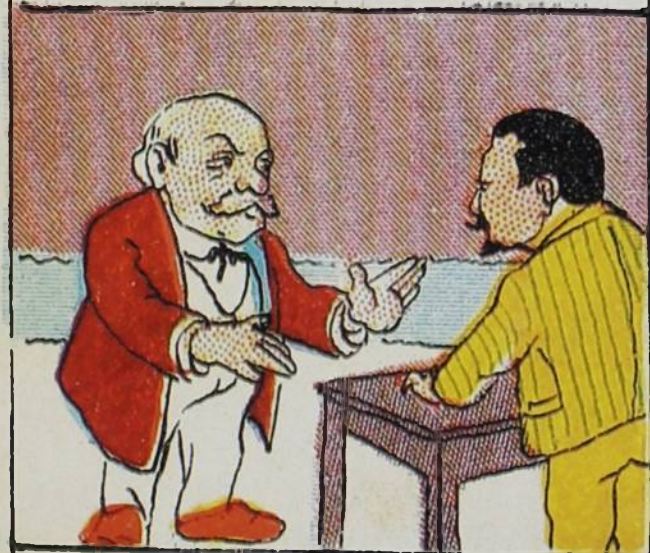
o foi mettendo os dois na carrocinha. Em vão o Tatá gritava! Lá foi com o Totó.



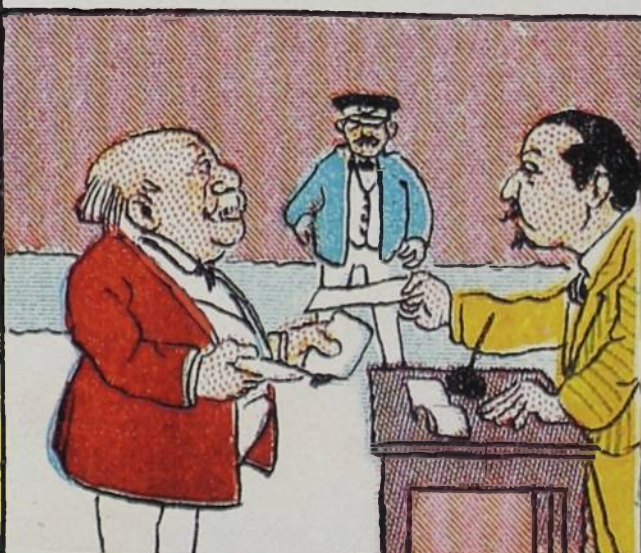
O pae do Tatá mal soube do caso correu para o Dr. Passos, Prefeito, que lhe disse: — Isso não é commigo, é com o agente da Prefeitura do seu districto.



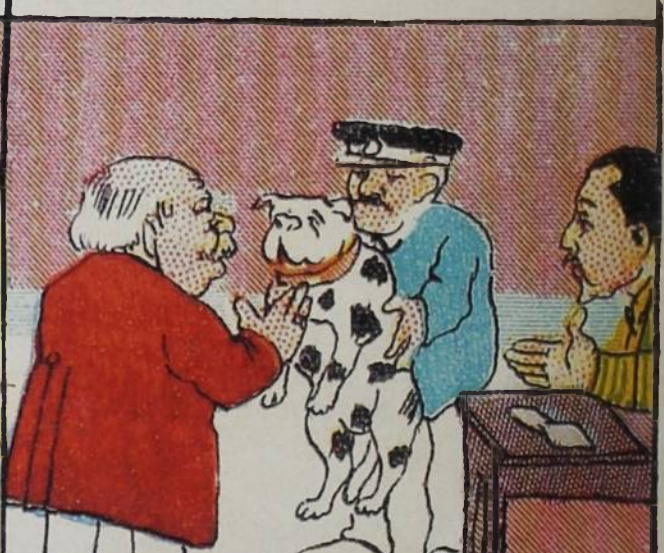
— Seu agente! Venho buscar o Tatá e o Totó que vieram na carrocinha! Quer os signaes! O Tatá está com uma blusa preta e branca. O Totó é branco e preto



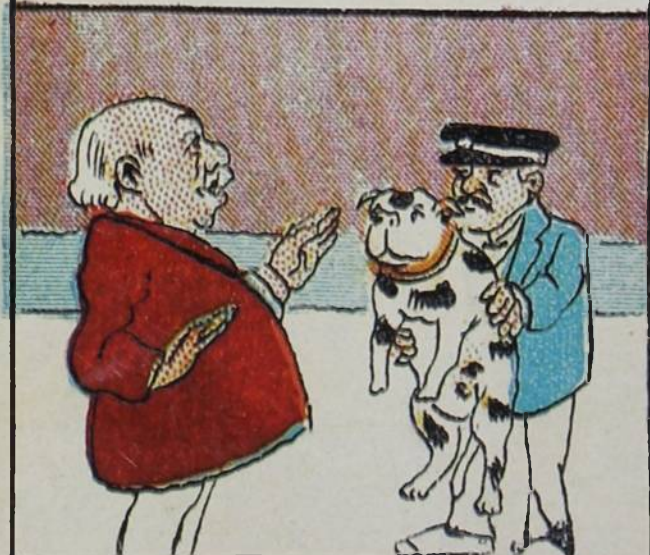
— O Tatá e o Totó? Vou mandar saber como é isso. Olá, seu seu fiscal? Aqui o sr. vem buscar o Tatá e mais o Totó.



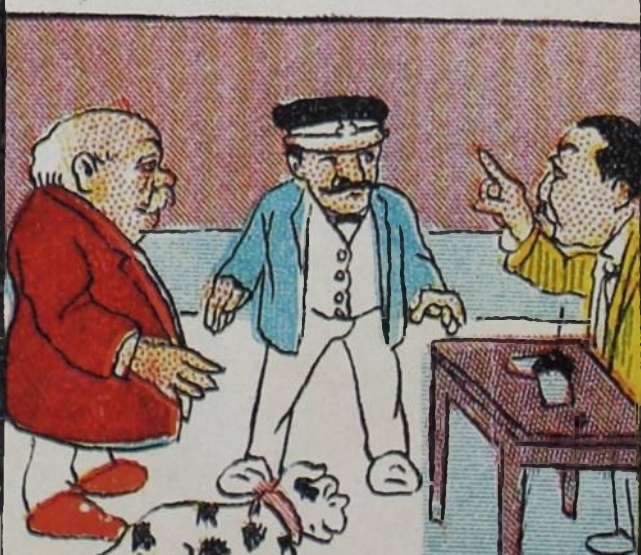
que vieram na carrocinha. E' um menino e um cachorro. — Elle parece-se muito commigo. O menino, está claro...



— Será este? — O Totó é esse mesmo, porém... Porém o Tatá?



O Tatá? — Sim, o Tatá, o menino! E' a minha cara!



— Vá buscar o menino, seu fiscal. E o sr. paga a multa e a licença para ter o Tatá, quero dizer, o Totó.



Quando o Tatá se npanhon na rua, o mais o Totó, o pae gritou-lhe: Seu cachorro! E desde esse dia o Tatá nunca mais judiou com o Totó.